

## INVESTIGAÇÕES FOTOGRÁFICAS: IMERSÃO EM UM OUTRO TEMPO DA IMAGEM.

*Fernando Rodrigues<sup>1</sup>*

Este texto propõe uma reflexão sobre a importância de retomar a história da fotografia, bem como de seus procedimentos históricos fotográficos no âmbito do ensino da arte. O estudo está em processo, em vias de se fazer, mas se origina a partir do que vem sendo desenvolvido no projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão 'INVESTIGAÇÕES FOTOGRÁFICAS', que ocorre no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAp-UFRJ), desde 2013 e é coordenado pelas professoras Cris Miranda (CAp-UFRJ), Verônica Soares (EPSJV/Fiocruz) e também por mim, Fernando Rodrigues (EBA/ Discente).

O referido projeto propõe a ser um campo de investigação e reflexão de procedimentos fotográficos, históricos, artesanais, analógicos e digitais na construção de poéticas artísticas e formadoras em relação com o ensino da arte. Destina-se também à reflexão sobre procedimentos educativos e a fotografia, a arte, as tecnologias e a produção e circulação da imagem fotográfica no cotidiano e na contemporaneidade.

Hoje com a grande disponibilidade de câmeras fotográficas - celulares, e com a difusão das redes sociais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Pinterest...*) estamos diariamente consumindo e produzindo um número enorme de imagens. Sobre esta questão, o cartunista brasileiro André Dahmer, em uma das suas tirinhas da série dos "quadrinhos dos anos 10", faz uma sátira singular comparando três gerações e suas quantidades de registros. O personagem de 86 anos, Augusto, tem 3 fotos de infância, já o personagem de 25 anos, Bruno, tem 46 fotos de infância, e a personagem de 10 anos, Alice, tem 26.678 fotos de infância.

O relato da charge nos faz refletir sobre o grandioso número de fotografias que produzimos hoje, representado pela personagem Alice. Na mesma reflexão podemos pensar o trabalho do artista holandês Erik Kessels (*24 hrs in photo*, 2011) que durante 24 horas imprime todas as fotografias que são publicadas

---

<sup>1</sup> Graduando da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na Escola de Belas Artes (EBA), no Curso de Licenciatura em Educação Artística / Artes Plásticas. Bolsista PIBIC-UFRJ, pelo projeto de ensino, pesquisa e extensão Investigações Fotográficas (CAp-UFRJ).

em apenas um dia, em um site de compartilhamento de imagens, o Flickr. O resultado é um mar de imagens que toma toda a galeria, do chão as paredes. Em uma de suas entrevistas, ele diz: “Quando você faz o download e tem um milhão de imagens em um servidor, isso não é impressionante, mas quando você imprime e coloca todas em um único espaço, é quando isso realmente impressiona você”<sup>2</sup>.

Produzimos tantas imagens que algumas delas se perdem, desaparecem, sem ao menos lembrarmos delas. No trabalho “Algum pequeno oásis de fatalidade perdido num deserto de erros” (2017), o artista Leo Caobelli vai em busca de HDs descartados, os restaura, recupera todas as imagens perdidas que haviam ali, e as imprime. O resultado é uma colagem de camadas de fotos onde já não se sabe o autor, quem é o retratado e a história daquela família. Como o próprio título diz, são imagens perdidas num deserto de erros.

Esse grupo de artistas, citados acima, nos ajudam a cartografar o cenário complexo da fotografia na contemporaneidade, nos possibilitando pensar a relação do homem com a produção de imagens fotográficas hoje. No livro *Sobre Fotografia*, em uma determinada parte do texto, a filósofa da imagem Sontag (1977) faz uma reflexão sobre a indústria fotográfica que vende câmeras dizendo que o cliente não precisa ter nenhum conhecimento prévio, é só clicar. Na mesma problemática, mas em um outro contexto, a curadora do MOMA-NY, Sarah Meister, vai citar em uma entrevista para o *Jornal EL País* (2015) uma frase sintomática do fotógrafo Philip-Lorca diCorcia “a fotografia é uma língua estrangeira que todo mundo acha que sabe falar”. Ao meu ver, ela traz essa frase para o contemporâneo, não como uma crítica porque todo mundo fotografa, mas sim, porque uma grande parcela destas pessoas que fotografa, não reflete sobre seus registros, além de não dominar a linguagem fotográfica que tem suas especificidades. Sim, a fotografia é uma linguagem que tem seus códigos, vocabulário e história própria.

O filósofo da imagem Vilém Flusser, no livro *a “Filosofia da caixa preta”* (1985) dirá que devemos compreender o funcionamento interno da câmera fotográfica, todas as suas funcionalidades para deixarmos de ser meros funcionários do aparelho, e o único que consegue fazer esta transgressão, subvertendo o funcionamento do dispositivo, segundo ele, é o artista.

Indo na contramão dessa fotografia altamente desenvolvida, tecnologizada e com alta (re)produção, existem diversos artistas e educadores retomando processos históricos, alternativos e artesanais no seu trabalho. Processos desenvolvidos lá no século XIX, que foram um pouco esquecidos por conta do desenvolvimento acelerado da fotografia, mas que posteriormente com o passar dos anos foram sendo resgatados e retomados.

---

<sup>2</sup> KESSELS, 2011 (tradução nossa).

Trecho original: "When you're downloading them and you have one million images on a server, that's not impressive but when you print them out and put them all in one space, that's when it really overwhelms you."

Aqui no Brasil, temos nos anos 60-70 a fotógrafa e artista Regina Alvarez (1948-2007), que ao viajar para o exterior para estudar fotografia, conheceu a técnica denominada *Pinhole*<sup>3</sup> e ao retornar ao país passou a utilizá-la com fins educativos e como forma, naquele momento, de democratizar o ensino da fotografia (a partir da produção de câmeras artesanais). As Pinholes se aproximam das primeiras pesquisas de câmeras desenvolvidas, pois tem em comum a imprevisibilidade da imagem, o longo tempo de exposição e a artesanialidade do fazer da própria câmera. Trata-se também de produzir uma imagem por meio de um dispositivo, porém, antes disso, construir o próprio dispositivo, apreendendo nesse processo as relações entre a captura da luz e a produção de imagens.

No Brasil existem diversos artistas que trabalham com a fotografia artesanal atualmente, são eles: Miguel Chikaoka, Dirceu Maués, Rosa Bunchaft, Denise Cathilina entre outros. Ambos além de utilizarem as técnicas artesanais para suas pesquisas enquanto artistas, também utilizam esses saberes nas suas vivências como arte-educadores. Nós do projeto tentamos sempre trazer para as atividades fotógrafos que pensem a arte-educação como algo importante - intrínseco dentro da sua própria pesquisa.

Nas diversas atividades do projeto nos deparamos, em vários momentos, com pessoas se surpreendendo com o processo de formação da imagem (sobre a projeção surgir de cabeça pra baixo, por exemplo), com algo que elas desconheciam ou, ainda, com a possibilidade de que elas mesmas poderiam montar um objeto óptico, de onde poderia surgir uma imagem interna (câmara escura). A geração mais jovem fotografa o tempo todo, utiliza em todos os momentos a câmera do celular mas, de fato, não sabe como a imagem produzida aparece dentro de seus aparelhos.

São muitos os procedimentos de produção de imagens fotográficas que podem ser trabalhados na educação em geral e no ensino de artes visuais, em específico. Assim, passamos a pesquisar os procedimentos fotográficos históricos abrangendo as técnicas de captura – como a utilização da câmara escura<sup>4</sup> - e as de impressão, como a cianotipia<sup>5</sup>, a antotipia<sup>6</sup>, rayografia<sup>7</sup>, *lumen print*<sup>8</sup>, entre outras. Diversos procedimentos que retomam a história da fotografia, o fazer manual, o construa você mesmo, a imersão em um outro tempo de produção e a possibilidade de pensar uma interdisciplinaridade com outros meios - áreas

<sup>3</sup> Do inglês *Pin-hole*, que quer dizer buraco de agulha, uma câmera de orifício, sem lente.

<sup>4</sup> Aparelho óptico que está na base da invenção da fotografia. Caixa escura, com um único furo, onde o que está fora é refletido dentro, só que de cabeça para baixo.

<sup>5</sup> Processo de impressão por contato que produz uma imagem de cor azul ciano. Descoberta pelo cientista John Herschel, em 1842. Composição química: ferrocianeto de potássio e citrato de ferro amoniacal.

<sup>6</sup> Processo de impressão por contato que se utiliza da fotossensibilidade dos pigmentos naturais, como: vegetais, flores, plantas. Descoberto pelo cientista John Herschel, no século 19.

<sup>7</sup> Técnica que consiste na impressão de objetos em um papel fotossensível de forma que as sombras dos objetos ganhem uma dimensão abstrata.

<sup>8</sup> Do inglês: *Lumen Print*, que quer dizer “impressão de luz”, é uma técnica que resgata e rememora as primeiras experiências fotográficas de Fox Talbot.

do conhecimento. Entendemos que resgatar este outro tempo de produção da imagem pode alterar a forma como pensamos e produzimos fotografia hoje.

A fotografia em si e os processos alternativos fotográficos nasceram na ciência e só bem mais tardiamente foram incorporados pelo campo das artes, como no caso da cianotipia, já anteriormente referida. A técnica foi utilizada como sistema de catalogação científica, como é possível observar na pesquisa *“Cyanotypes of British Algae”* (1843) feito pela botânica Anna Atkins (1799-1871), só a partir dos anos de 1950 em diante, artistas visuais vão resgatar essa técnica assumindo como algo potencialmente artístico, como é possível verificar nos trabalhos de Robert Rauschenberg (Sue - 1950), Catherine Jansen (*The Blue Room* - 1970), entre outros. Também podemos perceber a mesma questão em outros processos artesanais.

A partir dessas reflexões enumeradas ao longo do texto, e também de outras questões, o projeto Investigações Fotográficas se desenvolve em três linhas de ação: 1) Atividades de Ensino em turmas de ensino médio (1º e 2º ano), no setor curricular de Artes Visuais, no CAP-UFRJ; 2) Atividades de Pesquisa na orientação de graduandos da UFRJ e também de alunos do ensino médio do CAP-UFRJ e mais seminários de formação intitulados “Escrever com Luz”; 3) Atividades de Extensão em curso noturno que ocorre no CAP-UFRJ dirigido em especial (mas não exclusivamente) a professores da rede pública, estudantes de licenciatura e artistas visuais. E também, Oficinas Experimentais aos sábados, destinada a formação de um público geral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conscientização de tal práxis é necessária porque, sem ela, jamais captaremos as aberturas para a liberdade na vida do funcionário dos aparelhos. Em outros termos: a filosofia da fotografia é necessária porque é reflexão sobre as possibilidades de se viver livremente num mundo programado por aparelhos<sup>9</sup>

Contudo, desenvolveu-se ao longo do texto, que pela democratização dos celulares com câmeras, e também, por conta das diversas redes sociais que utilizamos hoje, consumimos e também produzimos uma grande quantidade de imagens. Com isso, mostra-se a importância de conscientizar a práxis fotográfica, retomando os filósofos da imagem a história da fotografia - refletindo e compreendendo - o funcionamento interno dos dispositivos fotográficos ao olhar Flusseriano.

---

<sup>9</sup> FLUSSER, 1985, p.41.

Também foi observado que retomar os processos alternativos - históricos da fotografia nos dias de hoje, torna-se uma importante experiência crítica do fazer, do pensar. A imediatez das imagens digitais obtidas em apenas um clique instantâneo - sem reflexão - e altamente reproduzível se contrapõe ao processo de produção artesanal, da imagem única, que solicita um tempo diferente do fazer, um tempo mais imersivo e uma prática mais consciente.

As imagens produzidas por processos artesanais se diferenciam das imagens digitais em vários sentidos e, em especial: 1) pedem um tempo e uma reflexão maior daquele que produz; dependendo do processo escolhido, podemos demorar entre horas, dias ou semanas na produção de uma imagem; 2) estas imagens são únicas, sem possibilidade de reprodução; 3) possuem uma 'fiscalidade', uma dimensão tátil, perdida com o hábito das imagens digitais armazenadas e não impressas; 4) na vivência, na própria experiência em si de produção, entrar no laboratório, misturar as químicas, aplicar no suporte, expor ao sol - a experiência fenomenológica de se produzir uma imagem.

A estética dessas imagens, conseqüentemente, também é diferenciada e acaba por trazer novos elementos para a produção artística contemporânea. Por isso defendemos com nosso trabalho não um saudosismo fotográfico, mas a importância de olhar para trás, pensar uma arqueologia da história da fotografia e resgatar aqueles processos que possam nos trazer um olhar reflexivo para o futuro, para o aqui e agora da fotografia. Compreender o fenômeno da luz, o processo de formação da imagem, o funcionamento interno de uma câmera fotográfica e experienciar a discussão de conceitos filosóficos, científicos, físicos e químicos sobre a fotografia, nos coloca em um outro tempo da imagem. Uma imagem fotográfica expandida e pensante.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Carlos Sousa; FERNANDES, Carlos M. O lápis Mágico: uma história da construção da fotografia. Trad: Carlos S. de Almeida. 2 ed. Portugal: Editora PRESS, 2014.
- BARRETO, Raquel. Formação de professores, tecnologias e linguagens. SP: Ed. Loyola, 2002.
- BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura - Obras Escolhidas. Trad. Rouanet. S. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CATHILINA, Denise. Regina Alvarez: experiência fotossensível. Rio de Janeiro, 2010. Catálogo da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.
- FLUSSER, Vilém. Filosofia da caixa preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

Disponível em: [http://www.iphi.org.br/sites/filosofia\\_brasil/Vil%C3%A9m\\_Flusser\\_-\\_Filosofia\\_da\\_Caixa\\_Preta.pdf](http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vil%C3%A9m_Flusser_-_Filosofia_da_Caixa_Preta.pdf). Acessado em: 15/01/2018.

MACLEOD, Ishbel. Erik Kessels: Dutch artist unveils uploaded-photo exhibition. The Drum Magazine - 16/11/2011.

Disponível: <https://www.thedrum.com/news/2011/11/16/dutch-artist-unveils-uploaded-photo-exhibition>. Acessado em: 24/05/2018.

MOKARZEL, Marisa. Navegante da Luz: Miguel Chikaoka e o navegar de uma produção experimental. Belém - PA, 2014. kamara Kó Fotografias.

MORAES, Camila. "Fotografia é uma língua estrangeira que todo mundo acha que sabe falar". EL País. 27/08/2015. Caderno Cultura.

Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/27/cultura/1440678719\\_594774.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/27/cultura/1440678719_594774.html). Acessado em: 18/07/2018.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

TRACHTENBERG, Alan (ORG.). Ensaio Sobre Fotografia: De Niépce A Krauss. Lisboa: Orfeu Negro, 2013.